

A criança como sujeito: reflexões de Françoise Dolto na educação atual

Por: Sílvia Coutinho

A educação das crianças enfrenta, nos dias de hoje, inúmeros desafios que vão desde a permissividade parental até ao impacto das novas tecnologias no desenvolvimento infantil. Neste contexto, as reflexões da psicanalista Françoise Dolto mantêm-se surpreendentemente atuais, ao defender a criança como sujeito pleno, dotado de desejos, linguagem e autonomia. Esta comunicação procura articular as ideias de Dolto com as dificuldades educativas contemporâneas, analisando como os seus contributos podem ajudar pais e educadores a equilibrar afeto, limites e liberdade no processo de crescimento.

Para Françoise Dolto, a criança é, desde o nascimento, um sujeito dotado de desejo, linguagem e singularidade, e deve ser reconhecido como pessoa na sua plenitude. Esta visão vem romper com a perspetiva tradicional da criança como um ser incompleto. Considera-la como sujeito implica reconhecê-la como interlocutora válida, capaz de comunicar mesmo antes da aquisição da linguagem verbal, através do corpo, da expressão e da intuição. Para a autora, o adulto tem o dever de dirigir-se à criança com verdade e respeito, pois é pela palavra autêntica e pela escuta genuína que se constrói a confiança, a autonomia e o pensamento infantil.

Para Dolto, este reconhecimento não significa satisfazer todos os desejos da criança, mas sim oferecer-lhe um enquadramento simbólico, sustentado em afeto e lei, que a ajude a estruturar-se psiquicamente e a enquadrar-se socialmente. A criança ao ser tratada como pessoa, e não como mero “vir-a-ser”, encontra condições para desenvolver a sua identidade, para crescer com segurança afetiva e para tornar-se sujeito ativo na sua própria história.

Uma das contribuições mais relevantes de Françoise Dolto (1999) é a leitura do sintoma da criança como uma mensagem dirigida ao adulto. Para a autora, o sintoma não deve ser visto apenas como sinal de patologia, mas sim como uma forma de expressão daquilo que a criança ainda não consegue traduzir em palavras. Para a autora, não se pode educar uma criança sem que num momento ou noutro ela não passe por um sintoma. Para os pais, esse sintoma é muitas vezes inquietante, mas a criança alivia assim tensões das quais sofre, e fá-lo tanto melhor quanto menos os pais se inquietarem. Esta perspetiva de Dolto, rompe com a lógica médica tradicional que associa o sintoma apenas a algo a ser eliminado. A autora propõe que os adultos escutem a mensagem subjacente ao comportamento ou manifestação corporal, reconhecendo que a criança comunica de diversas formas e que o corpo é, muitas vezes, a via privilegiada dessa comunicação.

Para Dolto (1999), “tudo é linguagem”. A criança, mesmo antes de dominar a linguagem verbal, expressa-se através do corpo, dos gestos, dos olhares e da postura. O corpo é portador de uma linguagem inconsciente. Os desenhos infantis, os movimentos ou os sintomas psicossomáticos devem ser interpretados como expressão do sujeito em constituição. Ao reconhecer a criança como sujeito de linguagem, a autora sublinha a importância do adulto se dirigir a ela com clareza, com verdade e com respeito. Mentir ou omitir a verdade não protege a criança, pelo contrário, cria confusão psíquica. Contrariamente, quando a criança recebe uma palavra verdadeira, mesmo que dolorosa, essa verdade constitui um suporte estruturante para a sua vida psíquica e relacional.

Outro aspecto importante na obra de Françoise Dolto é a defesa da autonomia progressiva da criança. Para a autora, educar é justamente levar a criança a tornar-se cada vez mais independente e confiante. “A interdependência entre os seres existe, é humana, quer seja afetiva, intelectual ou espiritual, mas a dependência que se exprime em chantagem ou em ameaças destrói a confiança da criança nos pais e a sua própria confiança em si. Educar é tornar autônomo”, (Dolto, 1999, P.59). Para a autora, a educação deve favorecer um equilíbrio entre proteção e liberdade, apoiando a criança na construção da sua segurança interior e tornando-a capaz de enfrentar desafios.

Dolto reforça que “(...) o mais importante é que a criança esteja em segurança, autônoma, o mais cedo possível. A criança tem necessidade de se sentir ‘amada a tornar-se’, segura de si no espaço, de dia para dia mais livremente, deixada à sua exploração, à sua experiência pessoal e nas suas relações com os da sua idade”, (Dolto, 1999, p.60). Os pais e os educadores devem permitir que a criança explore o mundo, que enfrente pequenas quedas e obstáculos, e que aprenda com eles. Como escreve a autora, “é o amor e a ternura consoladora que lhe permite ultrapassar os seus fracassos, não é nunca fazer tudo para ela e em seu lugar e zangar-se logo que ela faz uma asneira” (Dolto, 1999, p.60). A educação, para a autora, não está assente na hiperproteção ou na punição, mas sim na confiança e no afeto como pilares da aprendizagem.

A questão da individualização também é central na sua obra. Dolto observa que, muitas vezes, “entre irmãos, a imitação e a comparação podem ser fonte de sofrimento. Entre irmãos e irmãs, a imitação pode ser causa de graves dificuldades, uma criança pode submeter-se ao modelo de um irmão ou de uma irmã mais velhos se os pais não os individualizarem desde muito cedo” (Dolto, 1999, p.80). A criança deve ser amada e valorizada pelo que é, sem que se lhe imponham modelos externos de identificação. “A criança tem necessidade de se sentir amada, primeiro, tal como é, e ajudada a desenvolver o que ela possuiu” (Dolto, 1999, p.81). Nesse mesmo sentido, a autora refere que “se uma criança não for, a tempo e muito nova, reconhecida no seu valor potencial natural, guiada a conhecer as suas reais qualidades e a desenvolvê-las, ela não saberá lutar pelo seu prazer, nem fazer amigos, nem cultivar as suas qualidades” (Dolto, 1999, p.81).

Dolto (1999) reconhece ainda que o processo de crescimento é inevitavelmente marcado por crises e dificuldades. “Nenhuma evolução decorre sem problemas. O importante é sabê-lo e nunca culpabilizar os nossos filhos pelas dificuldades que experimentam nem pelas que eles nos dão, ou nos deram. Eles próprios têm tanto que nos perdoar, as dificuldades que nós acrescentamos às que eles já tinham!” (p.83). Esta perspectiva desresponsabiliza a criança da culpa pelo seu sofrimento, colocando sobre o adulto a tarefa de compreender, apoiar e reparar, em vez de censurar e punir.

A teoria de Françoise Dolto continua a oferecer uma reflexão atual para a educação contemporânea. Num tempo em que se observa, por um lado, a tendência para a permissividade e, por outro, a pressão para o sucesso e o desempenho, o seu pensamento recorda que a educação deve centrar-se no respeito pela criança como sujeito, na escuta da sua linguagem, na transmissão de uma palavra verdadeira e na promoção da autonomia e da liberdade. Como conclui a autora, “a criança não é um objeto, um animalzinho cujo contacto dá prazer, é um homem, uma mulher em devir” (Dolto, 1999, p.72).

Passando aos desafios atuais, a reflexão sobre a educação contemporânea revela que, apesar dos avanços na compreensão do desenvolvimento infantil, ainda persistem desafios significativos que impactam na formação da autonomia, da interdependência e da liberdade da criança. Entre os problemas mais evidentes está a permissividade parental, a dificuldade em lidar com frustrações e o uso excessivo de aparelhos eletrónicos como tablets e smartphones, fatores que podem comprometer a comunicação genuína e a construção do sujeito, conforme alertava Dolto (1999).

A permissividade excessiva dos pais observa-se na ausência de limites claros, na tendência de atender a todos os desejos da criança e na dificuldade de impor regras consistentes. Este estilo educacional, apesar de motivado pelo cuidado e pelo afeto, tende a interferir no desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e da capacidade da criança de lidar com as adversidades. Dolto (1999) enfatiza a importância de escutar os filhos, sem confundir educação com complacência: “os pais devem escutar muito as críticas dos filhos, mesmo que isso não deva, na maioria dos casos modificar o seu comportamento, pois eles têm que educar e não querer agradar aos filhos” (p.57). Assim, a imposição de limites claros, aliados a um suporte afetivo consistente, é fundamental para que a criança aprenda a gerir os seus impulsos e a desenvolver segurança interna.

Outro aspeto refere-se à dificuldade dos pais em lidar com a frustração da criança. Muitas vezes, em nome do amor ou da proteção, os adultos substituem as oportunidades naturais de aprendizagem por soluções imediatas, acabando por impedir que a criança experimente, erre e descubra estratégias próprias para resolver os seus problemas. Dolto (1999) questiona práticas comuns na rotina familiar. “Para certos pais, é sempre preciso que a criança faça tudo depressa, coma depressa, obedeça imediatamente, se apresse sempre. Mas porque é que a mãe fará tudo para o filho, quando ele fica tão feliz ao agir por si próprio, por passar a manhã a vestir-se sozinho,

a calçar os sapatos, tão contente por pôr a camisola do avesso, por se enrodilhar nas calças, por brincar, por remexer no seu canto?” (p.60). Neste sentido, a educação exige que o adulto ofereça suporte emocional, mas permita que a criança enfrente desafios compatíveis com a sua idade e com as suas capacidades, por forma a promover confiança em si própria e maturidade afetiva.

A tecnologia também se impõe como desafio contemporâneo à educação. O uso indiscriminado de dispositivos eletrónicos, como tablets e smartphones, reduz as interações face a face, diminui a capacidade de concentração e também interfere no desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas. A dependência digital, cada vez mais observada nas crianças e muitas vezes incentivada pela conveniência parental, substitui as experiências de exploração do ambiente, essenciais para a aprendizagem e para o desenvolvimento do pensamento crítico. Dolto (1999) reforça a importância da segurança emocional e da liberdade: “a criança tem necessidade, enquanto não estiver completamente segura de si própria, da segurança do olhar do adulto (...)” (p.65). Garantir um espaço seguro e estimular experiências próprias irá permitir à criança explorar, experimentar e consolidar a sua autonomia.

Também a pressão social e educacional leva, muitas vezes, os pais a compararem os seus filhos com os irmãos mais velhos ou com outras crianças, favorecendo a imitação e a submissão a modelos externos. É crucial reconhecer a singularidade da criança e apoiar o seu desenvolvimento individual, para que ela possa realizar o seu potencial sem perder a sua identidade. A autonomia e a liberdade não significam ausência de limites, mas sim a oportunidade de agir, errar e aprender num ambiente seguro, protegido pelo olhar atento e afetuoso do adulto.

Em síntese, os problemas contemporâneos da educação, como a permissividade, a dificuldade em lidar com a frustração e o uso excessivo de tecnologia, exigem que os adultos assumam uma postura consciente e equilibrada. O papel do pai ou educador não é controlar nem substituir a experiência da criança, mas sim guiá-la com segurança e afeto, por forma a promover a autonomia, a liberdade e a interdependência saudável. Assim, a educação deve preparar a criança para se tornar um sujeito pleno, capaz de decidir, de errar, de aprender e de interagir com os outros de forma responsável e confiante.

A criança não é um objeto a ser moldado ou um ser a ser protegido de forma excessiva. Ela é um indivíduo em constante desenvolvimento, cuja comunicação verbal, corporal e emocional, deve ser escutada e valorizada. Dolto (1999) enfatiza que educar é tornar a criança autónoma, oferecendo-lhe segurança, liberdade e suporte afetivo, sem substituir as suas experiências ou subestimar a sua capacidade de enfrentar desafios e de superá-los.

A reflexão sobre a educação atual demonstra que a permissividade excessiva, a dificuldade em lidar com a frustração e o uso indiscriminado de tecnologias interferem na construção da autonomia e da confiança da criança em si própria. As práticas parentais assentes na escuta, na orientação e no respeito pela individualidade da

criança promovem não apenas o desenvolvimento emocional e cognitivo, mas também a capacidade de estabelecer relações saudáveis e responsáveis com o mundo.

A obra de Françoise Dolto oferece diretrizes essenciais para a prática educativa contemporânea, como: reconhecer a criança como sujeito, comunicar à criança a verdade, valorizar a sua autonomia e apoiar o seu desenvolvimento integral. O desafio dos pais e educadores é conciliar proteção e liberdade, cuidado e exigência, para que a criança se torne plenamente capaz de compreender a si mesma, suas relações e o mundo ao seu redor. Educar é um ato de confiança, respeito e amor, que transforma o potencial da criança em realização concreta, preparando-a para a vida com responsabilidade, sensibilidade e liberdade.

Referências Bibliográficas

Dolto, F. (1999). Profissão: Pais. Pergaminho.